

ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA EMPATIA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS COM ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NO PIAC (PLANO INTEGRADO DE APOIO À COMUNIDADE)

José Ferronha, Ana Almeida, Lúcia Oliveira, J. Teixeira de Sousa, Vítor Sousa

Fecha de recepción: 2 de Diciembre de 2013

Fecha de admisión: 30 de Marzo de 2014

ABSTRACT

The authors studied the level of Affective and Cognitive Empathy in 26 adolescents that live in establishments that institutionalises adolescents at risk , and studied the type of attachment and the perception they have of their early relationships with parents . This study aims to better understand the adolescents to implement intervention strategies to improve the social behavior of adolescents at risk and in need of special educational measures .

Three instruments adapted for the Portuguese adolescent population were utilized for this study : the Basic Empathy Scale (Jolliffe , 2005) , The Adolescent Attachment Inventory - IPPA (Armsden & Greenberg , 1987) and Drawing Circles of Representatives family (S. Pipp , Shaver P. , S. Jennings , S.Lamborn & KW Fischer , 1985) .

The results showed us that these adolescents of the PIAC had a lower level of empathy than that in a school population studied by Susana Anastácio (2013) , in 344 adolescents.

It was possible to compare the results with those obtained with the IPPA and with the Design of Circles Representatives of the Family in a normal population of 400 Adolescents. The Mann Whitney test showed that this population of the PIAC differs significantly from the normal population in Attachment to peers and in the subscale Alienation to peers, as well as in the perception that adolescents imagine how the early relationships with their parents was. These results are in agreement with the results obtained by Susana Anastácio (2013) .

Keywords : adolescence : empathy, attachment; early relationship

RESUMO

Os autores estudaram o nível de Empatia Afetiva e Cognitiva em 26 adolescentes institucionalizados em estabelecimentos que acolhem jovens em risco, e ainda o tipo de vinculação e a percepção que eles têm das suas relações precoces com os pais. Este estudo visa conhecer melhor os jovens



no sentido de implementar estratégias de intervenção que permitam melhorar o comportamento social de jovens em risco e necessitados de medidas educativas especiais.

Foram utilizados para este estudo três instrumentos já aferidos para a população adolescente portuguesa e que são: a Escala de Empatia Básica (Jolliffe, 2005; versão portuguesa: Nobre Lima, Rijo & Matias, 2011), O Inventário de Vinculação na Adolescência-IPPA (Armsden & Greenberg, 1987; versão portuguesa: Lúcia Neves, 1995) e o Desenho de Círculos Representativos da Família de S. Pipp, P. Shaver, S. Jennings, S. Lamborn & K. W. Fischer, 1985) Versão: M.C. Canavarro.

Os resultados obtidos e que foram comparados com os resultados obtidos por Susana Anastácio (2013), numa população de 344 adolescentes permite-nos identificar nestes jovens do PIAC uma empatia em média mais baixa que na população escolar já estudada.

Foi possível comparar os resultados obtidos nos adolescentes do PIAC com os resultados obtidos com o IPPA e com o Desenho dos Círculos Representativos da Família numa população de 400 Adolescentes em que o teste de Mann Whitney mostrou que esta população do PIAC difere significativamente da população normal na Vinculação aos amigos e na subescala de Alienação aos amigos do IPPA, tal como nos resultados obtidos por Susana Anastácio (2013). Foi significativa também a diferença entre os grupos de adolescentes quanto à percepção que têm da distância aos pais na relação precoce.

Palavras chave: adolescência; empatia; vinculação; relação precoce

INTRODUÇÃO:

A empatia é a capacidade de reconhecer as emoções que estão a ser vivenciadas por outra pessoa. A palavra empatia é originada do grego «*empateia*» que quer dizer afeção física. A empatia tem muitas definições que compreendem uma série de estados emocionais tais como ter o desejo de cuidar das outras pessoas e de as ajudar compreendendo o que a outra pessoa sente ou pensa. A capacidade básica de reconhecer as emoções dos outros é inata. Pode no entanto ser treinada.

A capacidade humana de reconhecer as sensações corporais de uma outra pessoa está relacionada com as capacidades imitativas e parece estar associada a capacidade inata de associar os movimentos e expressões faciais que se observam num outro sujeito com as sensações proprioceptivas que resultam dos correspondente movimentos corporais no próprio. Os seres humanos relacionam o tom de voz, a prosódia do discurso com os sentimentos interiores.

A empatia é um constructo muito utilizado para compreender as psicoterapias em que o sujeito compreende o estado emocional do outro mas consegue transmitir a mensagem de que já passou pelo mesmo e por isso pode ajudar a ultrapassar esse sofrimento.

O processo empático resulta da interação de fatores afetivos e cognitivos podendo assim em concreto ser entendido à luz de uma perspectiva multidisciplinar. Deste modo podemos dividir a empatia em dois componentes maiores. A empatia afetiva e a empatia cognitiva. A empatia cognitiva é a capacidade de compreender a psicologia dos outros ou seja os seus pensamentos, sentimentos ou intensões, usando a sua imaginação e a sua capacidade de se colocar no lugar do outro.

A empatia afetiva refere-se à capacidade de experienciar e partilhar as emoções do outro. Assim o sujeito percebendo os estados emocionais do outro, sente ele mesmo emoções congruentes. Neste caso estados emocionais de outra pessoa despertam respostas emocionais qualitativamente semelhantes no sujeito e através de pistas verbais e não-verbais como o tom de voz, o volume e a entoação.

A empatia cognitiva permite ao sujeito compreender e prever o comportamento do outro através da compreensão dos seus estados emocionais facilitando assim o diálogo e o entendimento relacional. A empatia afetiva por outro lado motiva o sujeito a ter comportamentos altruístas para com os outros e ao mesmo tempo promover o estabelecimento de laços de vinculação com os pais e com os outros, contribuindo assim para a coesão social (Smith, 2006). Embora as dimensões afe-



tiva e cognitiva da empatia sejam as mais referidas alguns autores consideram também uma dimensão comportamental da empatia. A dimensão comportamental é determinante na competência empática. A dimensão comportamental diz respeito à capacidade do sujeito em demonstrar compreensão empática utilizando para o efeito um comportamento que permite ao outro sentir-se profundamente compreendido, de tal modo que o outro sente que os seus sentimentos e perspetivas são validados sem serem julgados.

A empatia e o processo de adolescência

A empatia é uma competência que se revela logo nos primeiros anos de vida, e se desenvolve. No início da puberdade e com o desenvolvimento cognitivo que dá acesso ao pensamento formal, o adolescente é capaz de compreender os pensamentos e os sentimentos dos que o rodeiam e dando assim uma resposta emocional adequada. Com o desenvolvimento das estruturas cerebrais o jovem já é capaz de perceber a perspetiva social dos outros. O estabelecimento de relações privilegiadas com os amigos possibilita novas experiências emocionais. As investigações de Matias (2012), na adaptação portuguesa da B.E.S. permitiram ver como as variáveis sexo, idade, e número de irmãos influenciam os resultados e concluir que a empatia se associa positivamente às competências sociais dos sujeitos e negativamente com a vergonha externa, a agressividade e os comportamentos de submissão social. Verificou ainda que as raparigas são tendencialmente mais empáticas que os rapazes.

Importância do estudo da empatia.

Os estudos da empatia confirmam que a empatia é um forte preditor do comportamento social positivo. A empatia tem uma relação positiva com a resolução cooperativa de conflitos e por outro lado níveis baixos de empatia estavam relacionados com a resolução agressiva de conflitos.

Atendendo à firme convicção alicerçada em estudos epidemiológicos de que a empatia tem uma influência sobre o comportamento social positivo e que esse grau de influência é tanto maior quanto mais cedo o comportamento da criança começa a ser orientado por valores pró sociais, começam a aparecer programas preventivos de comportamentos agressivos e desajustados através da compreensão social e emocional. Neste desiderato inscrevem-se programas como o «Roots of empathy», com origem no Canadá e implementados já nos Estados Unidos e na Nova Zelândia.

A vinculação

A vinculação é um tipo particular de reportório comportamental que visa manter e estabelecer o contacto de uma criança com o cuidador, habitualmente a mãe. Bowlby acentuava a importância da vinculação e que visava estabelecer a proximidade com a progenitora e a sua importância para proteger dos perigos constituindo-se como uma base segura. O comportamento de vinculação ativado inibe o comportamento exploratório. O modelo de vinculação humana uma vez estabelecido tende a manter-se estável. O modelo de vinculação para além da importância que se revela na regulação psicobiológica tem importância por constituir um modelo de relações interpessoais alicerçadas na confiança básica.

A adolescência é um período do ciclo de vida humana em que se verificam grandes transformações ao nível corporal ao nível psíquico e ao nível social.

Uma das tarefas importantes dos Adolescentes é poderem desenvolver um relacionamento com os pais mais maduro, isto é, mútuo e menos dependente.

As investigações recentes mostram que a autonomia é mais facilmente conseguida na base de uma vinculação segura com os pais e que esta durará para além da Adolescência.

Na adolescência as necessidades de vinculação são transpostas para os amigos. Esta transferência também envolve transformações sobre o ponto de vista hierárquico na medida em que o jovem sendo de início um recetor primário de cuidados se torna também um prestador de cuidados. Na Adolescência os jovens passam cada vez menos tempo com os pais processando-se um movimento que vai da dependência infantil à reciprocidade mútua.



Neste movimento é muito importante uma vinculação segura aos pais que permitirá aos adolescentes aventurarem-se no mundo complexo da emocionalidade adulta. A vinculação segura aos pais permite uma base segura de suporte emocional.

Das características comportamentais que permitem e provocam uma vinculação segura e um desenvolvimento da autonomia, podemos referir a disponibilidade psicológica, o calor a capacidade de escutar o jovem, a atenção prestada ao comportamento mas também a capacidade de colocar limites ao comportamento, a aceitação pelos pais da individualidade de tal forma que este se sinta aceite tal como é. Os estudos efetuados em populações normais revelam que os jovens com vinculação segura são avaliados pelos seus companheiros como sendo menos ansiosos menos conflituosos e que são capazes de regular melhor os seus sentimentos. Tem uma maior resiliência comparada com os adolescentes inseguros.

Os jovens com uma vinculação segura têm um comportamento de rejeição do mundo das drogas e por outro lado têm um comportamento caracterizado por uma baixa procura de sensações (Barnea, Teichman e Rahav, 1992 in Cassidy J. (1999) *Handbook of Attachment*). A vinculação segura à mãe está associada a um menor consumo de drogas e uma menor experimentação de drogas psicotrópicas (Cooper et al. 1998 in Cassidy J. (1999) *Handbook of Attachment*). A preferência e a identificação com os pais sobre a preferência para com os amigos está associada a uma recusa quer direta quer indireta do uso de drogas (Brook, Whiteman & Finch, 1998 in Cassidy J. (1999) *Handbook of Attachment*) e um estilo de baixa procura de sensações. Voss.K. (1999) estabeleceu uma relação entre a vinculação amedrontada à mãe à expressão da delinquência e a um maior consumo de drogas como resposta a emoções negativas e a conflitos com os outros.

O diálogo pais filhos um tema tão glosado pelos profissionais da Saúde Mental permitiria aos pais acompanhar melhor as dificuldades decorrentes da construção da identidade na Adolescência.

Estão referidas na literatura investigações ao longo da Infância e Adolescência (in Cassidy *Handbook of Attachment*) que avaliaram os antecedentes psicológicos preditivos do uso ulterior de drogas, tal como o estudo de Woodlawn, Kellam e colaboradores de 1975 e Kellam, Brown, Rubin Ersminger de 1983 em que estudaram um grupo de crianças negras no meio urbano a partir dos 6 anos de idade. No estudo de Woodlawn, Kellam e colaboradores verificaram que as características psicológicas avaliadas aos 6-7 anos prediziam o uso de drogas aos 16-17 anos, portanto uma década mais tarde.

Um outro estudo de Jeamme e Jack Block efetuado num infantário da baía de S.Francisco (in Cassidy *Handbook of Attachment*), também encontrou uma relação significativa entre o comportamento e o uso ulterior de drogas pelos 14 anos. Estes estudos confirmam a existência de antecedentes comportamentais que levam a ulterior utilização de drogas na Adolescência.

Pelos 6-7 anos de idade conforme se verificou nestes estudos, estas crianças que mais tarde serão utilizadores de drogas, apresentavam sinais de alienação, de baixo controlo e mal-estar emocional que serão aparentes quando atingem a adolescência. Este sinais estão bem assinalados no Inventário de Vinculação utilizado.

O comportamento emocional pôde ser verificado pelo menos em parte em observações registadas de interação mãe criança quando os intervenientes nos estudos tinham 5 anos de idade. Nestas investigações as mães eram percebidas pelos observadores como sendo críticas, rejeitantes e não sensíveis ou responsivas às necessidades das crianças.

A vinculação é um modelo teórico que permite compreender as interações comportamentais com os pais e a sua relativa estabilidade ao longo do desenvolvimento.

O conhecimento do tipo de vinculação na Adolescência permite ajudar a promover na família um clima de maior confiança e comunicabilidade, segundo um modelo educativo e ou psicoterapêutico, em que é possível aceder de uma forma compreensível aos comportamentos dos adolescentes, muitas vezes entendidos como absurdos ou reprováveis.



Com este modelo podemos compreender uma das razões da ingestão de drogas que sabemos serem usadas para alterarem o estado emocional dos sujeitos incapazes de efetuarem uma ajustada regulação emocional, fruto das experiências passadas gravadas nas suas memórias sob a forma de constructos mentais negativos sobre as relações humanas.

Neste aspeto é de particular importância percebermos o tipo de percepção que os jovens têm das relações precoces. A narrativa das relações precoces com os pais é frequentemente distorcida pela idealização ou pela negação desses momentos privilegiados da construção dos esquemas mentais que presidem à regulação psicobiológico e nomeadamente à regulação emocional. O teste projetivo que utilizamos nesta investigação, o Desenho de Círculos Representativos da Família, permite reforçar a ideia de que a vinculação avaliada no Inventário de Vinculação de Adolescentes e em escalas de vinculação de adultos aferidas pra a população portuguesa, e já estudadas também por nós, revela numa vinculação insegura, desenhos em formas de círculos afastados e com uma maior distância entre os centros, que descrevem o seu modelo de percepção das relações com os pais até aos 5 anos.

A relação entre a empatia e a vinculação

A empatia pode considerar-se e de uma certa forma um contraponto à agressão. Se a agressão de uma certa forma reflete uma alienação em relação aos outros a empatia traduz uma ligação aumentada. Enquanto a agressão traduz uma rutura ou uma deformação da regulação diádica a empatia reflete um aumento da coordenação afetiva. De facto podemos dizer que a agressividade está dependente da falta de empatia ou seja da identificação emocional com os outros.

A teoria da vinculação prevê o desenvolvimento da capacidade empática e não só as propriedades básicas do relacionamento no contexto da relação de vinculação. A resposta subjacente à relação de segurança que a vinculação concede é previsível que dê origem à empatia (Stoufe & Fleeson, 1986). Tal como Bowlby chamava a atenção, prover a criança das suas necessidades não a condena à dependência mas ante serve de plataforma que permite a autoconfiança já que lhe dá um sentido de eficácia em relação ao ambiente. Da mesma forma uma criança que é tratada de uma forma empática não fica mimada antes se transforma numa criança empática. As investigações em adolescentes de Henry, Sager e Plunkett (1996) mostraram como o suporte familiar sob a forma de grande recetividade aos adolescentes e a coesão familiar, está correlacionada positivamente com as atitudes empáticas dos adolescentes, Os estudos de Motta, Falconne e outros mostraram a relação entre os diferentes modelos de práticas educativas e o nível de desenvolvimento da empatia.

No estudo de Laible Carlo e Roesch efetuado na Universidade de Nebraska em 246 jovens no final da adolescência em que foi avaliada, a vinculação com o IPPA, a auto estima e a empatia, permitiu chegar à conclusão que a vinculação aos pares estava associada a altos níveis de empatia. Este resultado é consistente com a noção de que um relacionamento próximo e de suporte aos pares provavelmente dá aos adolescentes uma oportunidade única para desenvolver uma leitura do comportamento numa outra perspetiva, e a empatia. Tal como outros autores já o mostraram a relação com os amigos permite um relacionamento distinto do dos pais atendendo ao facto de ser uma relação baseada na igualdade e na reciprocidade, a qual fornece as condições ótimas para a aquisição de comportamentos que refletem a preocupação com os outros e a bondade ao próximo (Youniss 1985). Piaget e Sullivan chamaram a atenção pra a importância das relações com os pares para a construção e aquisição do sentimento moral. Laible, Carlo e Ruesch são da mesma opinião pelos resultados apresentados na sua investigação. No entanto embora encontrassem que a vinculação aos amigos apresentava uma correlação positiva ao comportamento social esta correlação provou ser pela empatia. Concluíram então que a relação com os pares exerce influência sobre a autoestima através do desenvolvimento de emoções sociais tal como a empatia. A empatia neste estudo estava relacionada com a referência a relatos de comportamentos sociais dos adolescentes estudados.

Os adolescentes que apresentavam níveis elevados de empatia relatavam mais comportamen-



tos pró-sociais e menos comportamentos agressivos. Estes resultados estariam de acordo com outras investigações que ligam a qualidade da empatia à qualidade do funcionamento social (Eisenberg & Mussen, 1985; Murphy et al., 1999; Saarni, 1990 in Laible, Deborah J.). Os jovens que têm um nível elevado de empatia e são capazes de compreenderem a perspectiva do outro sentem-se responsáveis pelo bem-estar dos amigos e estão motivados para reduzir o seu mal-estar (Eisenberg & Fabes, 1998 in Laible, Deborah J.). Do mesmo modo a empatia tem sido associada a agressividade e a uma deficiência nos componentes cognitivos da empatia, particularmente deficiência nos processos cognitivos da interação social (Crick & Dodge, 1994) e na capacidade de ler a perspectiva do outro (Eisenberg 1986).

METODOLOGIA DO ESTUDO:

1-A amostra utilizada neste estudo é uma amostra aleatória constituída por jovens de ambos os sexos dos 12 aos 17 anos e que recorreram aos serviços do PIAC (Plano Integrado de Apoio à Comunidade), uma instituição vocacionada para intervir na comunidade na promoção da saúde mental e no desenvolvimento psicossocial de jovens em risco.

2-Instrumentos:

O instrumento utilizado para avaliar o nível de empatia foi a Escala de Empatia Básica (Jolliffe, 2005; versão portuguesa: Nobre Lima, Rijo & Matias, 2011). É uma escala constituída por 20 itens e permite avaliar um total de empatia e também os níveis de empatia afetiva e cognitiva, sendo que de acordo com Matias quanto maior for o valor obtido maior será o grau de empatia.

O instrumento utilizados para avaliação da vinculação foi o inventário aferido para a população portuguesa do Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA), versão realizada por Armsden y Greenberg (1987) e traduzida por Lúcia Maria Mendes Fragoço Neves.

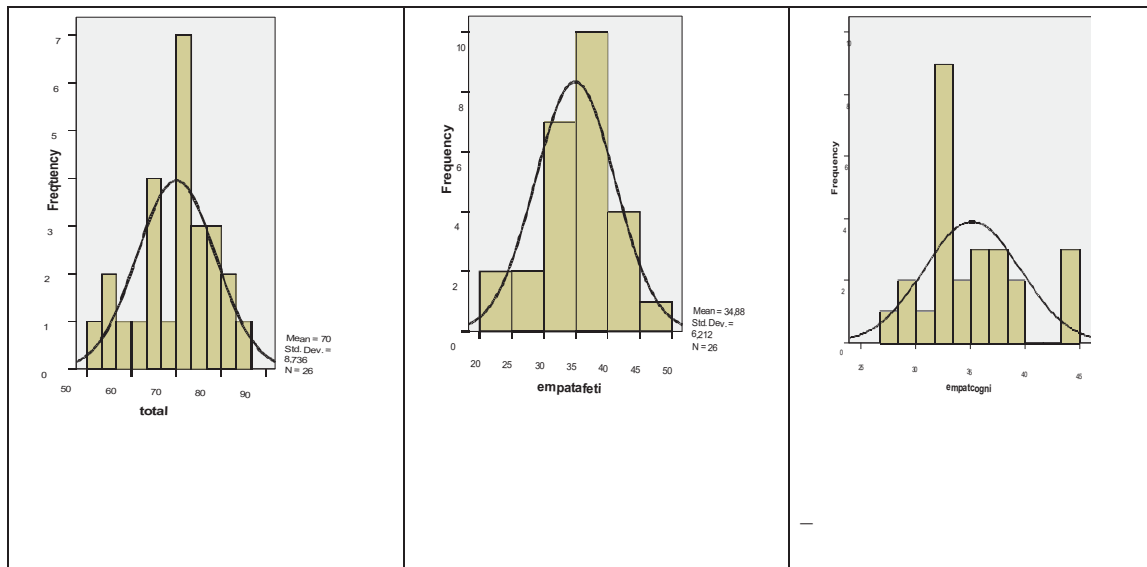
A versão inicial deste instrumento o Inventory of Adolescent Attachment (IPPA) (Greenberg, 1982, cit. por Lúcia Neves), foi elaborado para avaliar tanto a qualidade afetiva das relações do adolescente com os pais e com os amigos como para conhecer a frequência de procura de proximidade de pessoas significativas em situações de Stress.

O instrumento utilizado para referirem a percepção que os jovens têm da distância e do tipo de relação que estabeleceram com o pai e a mãe em diferentes períodos do seu desenvolvimento foi o Desenho de Círculos Representativos da Família de (S. Pipp, P. Shaver, S. Jennings, S.Lamborn & K. W. Fischer, 1985) Versão portuguesa de M.C. Canavarro.

RESULTADOS:

Os resultados obtidos e após a análise estatística com o SPSS 19 permitiram identificar uma curva distribuição normal previsível pelos resultados da empatia total afetiva e cognitiva.

A amostra é ainda reduzida mas seria interessante investigar a razão do desvio da curva da



empatia cognitiva para a esquerda e a sua eventual relação com as aquisições da empatia decorrentes das vivências relacionais.

Tal como é referido por Susana Anastácio na sua tese de mestrado e em outros trabalhos sobre a empatia o sexo feminino apresenta valores mais elevados em empatia afetiva empatia e cognitiva que os rapazes.

Média da empatia afetiva e cognitiva nos adolescentes observados no PIAC

Não foi possível determinar a diferença estatisticamente significativa entre a empatia avaliada

Report

sexo		total	empatafeti	empatcogni
masculino	Mean	67,13	33,13	34,00
	N	16	16	16
	Std. Deviation	9,408	7,145	3,055
feminino	Mean	74,60	37,70	36,90
	N	10	10	10
	Std. Deviation	5,125	2,791	5,724
Total	Mean	70,00	34,88	35,12
	N	26	26	26
	Std. Deviation	8,736	6,212	4,412

nos adolescentes do PIAC e a dos adolescentes duma população normal. A análise das tabelas anexas permite entretanto constatar que as médias da população estudantil do trabalho de Susana Anastácio são manifestamente superiores as médias obtidas nos adolescentes do PIAC.

Quadro 1. Médias e desvios-padrão da amostra total na escala BES em utentes do PIAC e respetivos fatores.



n=26

Quadro 2. Médias e desvios-padrão da amostra total

BES em utentes do PIAC e respetivos fatores. n=26

	Média	DP
Afetivo	34,88	6,212
Cognitivo	35,12	4,412
Total	70,00	8,736

na escala BES em alunos de escolas e respetivos fatores. n=344

	Média	DP
Afetivo	37.79	7.52
Cognitivo	38.19	5.37
Total	75.99	11.12

Vemos que os valores obtidos nos jovens institucionalizados têm um valor de 3 pontos menos, com um desvio padrão menor de 1 ponto.

Os resultados obtidos com o inventário IPPA de vinculação surpreenderam-nos com a significância obtida no teste de Mann-Whitney em que, não obstante o tamanho pequeno da amostra, foi possível verificar que os adolescentes avaliados no PIAC apesar de não manifestarem uma vinculação insegura aos pais, apresentavam uma vinculação insegura aos seus pares.

Inventário de Vinculação IPPA

Teste de Mann-Whitney para 2 amostras independentes: PIAC e população adolescente escolar
Test Statistics(a)



Por outro lado o estudo dos subfactores do IPPA tal como é bem visível na tabela abaixo per-

	vinculapa i	vinculamãe	vinculamig o	confiamãe	confiapai	confiamigos
Mann-Whitney U	4979,000	4895,000	3912,500	4252,500	4590,500	3797,000
Wilcoxon W	5330,000	5246,000	4263,500	4603,500	4941,500	4148,000
Z	-1,191	-,626	-2,463	-1,587	-,753	-2,248
Asymp. Sig. (2-tailed)	,234	,531	,014	,112	,452	,025

a Grouping Variable: origem

mite-nos avaliar a importância significativa do subfactor alienação aos amigos com uma significância de 0.002 o que nos desperta a necessidade de estarmos atentos às dificuldades de comunicação na Instituição entre os jovens o que pode dificultar a experiência de leitura de diferentes perspectivas necessária para a aquisição da empatia cognitiva.

Test Statistics(a)

O teste do desenho dos círculos para a percepção das relações familiares com os Círculos de Pipp

	comunica mãe	comunicapai	comunica migos	alienamãe	alienapai	alienamigos
Mann-Whitney U	4755,000	4837,000	4093,000	4824,000	4855,000	3326,000
Wilcoxon W	5106,000	5188,000	4444,000	5175,000	5206,000	3677,000
Z	-,751	-,329	-1,752	-,639	-,299	-3,056
Asymp. Sig. (2-tailed)	,452	,742	,080	,523	,765	,002

a Grouping Variable: origem

e Shaver tal como vemos nas tabelas anexas mostra-nos uma significância marcada na projeção em que os jovens espontaneamente revelaram o drama das percepções que eles têm das relações precoces, com modelos relativamente estáveis de dificuldades de comunicação e alienação dos outros.

Esta população que foi avaliada no PIAC tem uma percepção da relação com a mãe diferente e estatisticamente significativa, em diferentes períodos etários comparando com uma população nor-

Test Statistics^a

	Relação EU-Mãe, 1-5 anos - Tipo	Relação Eu-Mãe, 1-5 anos, distância	Relação EU-Mãe, 6-10 anos - Tipo	Relação Eu Mãe, 6-10 anos, distância	Relação EU-Mãe, 11-15 anos - Tipo	Relação EU-Mãe, 11 a 15 anos distância	Relação Eu-Mãe, 16 a 20 anos Tipo	Relação EU-Mãe, 16 a 20 anos distância	Relação EU-Mãe actual Tipo	Relação EU-Mãe actual distância
Mann-Whitney U	3620,500	3120,500	3438,000	3504,000	3821,500	3732,500	121,000	157,000	2995,000	2731,000
Wilcoxon W	3945,500	65601,500	3763,000	66339,000	4172,500	68712,500	149,000	2858,000	3320,000	65921,000
Z	-2,219	-2,518	-2,418	-1,782	-1,770	-1,768	-2,414	-1,709	-3,072	-3,277
Asymp. Sig. (2-tailed)	,027	,012	,016	,075	,077	,077	,016	,088	,002	,001

a. Grouping Variable: origem

mal de 430 jovens de diferentes escolas do Norte de Portugal. A diferença das duas populações é estatisticamente significativa não só na distância entre os centros dos círculos desenhados mas também na forma em como os dois são desenhados nomeadamente em círculos secantes tangentes ou separados. Essa percepção do afastamento é ainda mais significativa nos primeiros anos de vida e finalmente no período atual.

A percepção da proximidade ou afastamento em relação à figura do pai é também ela de uma importância relevante e senão vejamos a tabela abaixo:



A relação com o pai é sentida como mais distante do que com a mãe o que é habitual. A comparação com a população normal permite-nos ver no entanto utilizando o teste de Mann-Whitney,

Test Statistics^a

	Relação EU-Pai 1-5 anos Tipo	Relação EU-Pai 1-5 anos distância	Relação EU-Pai 6-10 anos Tipo	Relação EU-Pai 6-10 anos distância	Relação Eu-Pai 11-16 anos Tipo	Relação EU-Pai 11-16 anos distância	Relação EU-Pai 16-20 anos Tipo	Relação EU-Pai 16-20 anos Distância	Relação EU-Pai actual Tipo
Mann-Whitney U	3202,000	3113,000	2831,000	2395,000	2489,000	2510,000	251,500	165,500	2388,500
Wilcoxon W	3527,000	63839,000	3131,000	63121,000	2765,000	63585,000	279,500	2940,500	2621,500
Z	-2,862	-2,425	-2,918	-3,278	-3,297	-3,050	-,009	-1,041	-3,141
Asymp. Sig. (2-tailed)	,008	,015	,004	,001	,001	,002	,993	,298	,002

a. Grouping Variable: origem

que o pai nestes adolescents é sentido como mais distante embora a distância em milímetros não seja significativamente diferente o desenho dos círculos mostra ser significativamente diferente em todos períodos etários em que frequentemente eles se representavam como dois círculos separados.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.

Os resultados vieram confirmar a ideia que tem vindo a ser sedimentada de que estes jovens institucionalizados têm mais dificuldades em se relacionarem por dificuldades muito precocemente adquiridas na relação de confiança e que se refletem na vinculação insegura aos amigos e nomeadamente na subescala de alienação. O facto destes jovens apresentarem vinculação segura aos pais poderá ter a ver com a deseabilidade social que certamente nas respostas relativas aos amigos é menos contemplada. É assim que o teste do Desenho dos Círculos adquire nestes jovens um valor particular pois permitirá verbalizar numa relação terapêutica as emoções de um adolescente, que foi criança e se imaginou ou foi mal amada. A vinculação aos pares é pois uma boa indicação do nível de empatia e permite organizar estratégias que permitam promover a positividade do relacionamento com os pares privilegiando os programas de intervenção em grupo ampliando a oferta de psicoterapias de grupo como o psicodrama.

É pois importante continuar este tipo de estudos para assegurar uma maior compreensão dos problemas comportamentais dos adolescentes para reforçar uma melhor integração social.

BIBLIOGRAFIA:

- Cassidy J. (1999) *Handbook of Attachment* The Guilford Press New York
- Crick, N., and Dodge, K., 1994. A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. *Child Development* **66**, pp. 710–722.
- Ferronha C. *El Apego en Adolescentes Asmáticos*. Tesis de Doctorado. 2007 Universidad de Badajoz
- Ferronha C., Eva Teixeira, Teresa Souto. 2008. *Vinculação em Adolescentes Toxicodependentes* INFAD Ano XX Nº 1 pag 191 a 200
- Laible, Deborah J.; Carlo, Gustavo; and Roesch, Scott C., "Pathways to Self-Esteem in Late Adolescence: The Role of Parent and Peer Attachment, Empathy, and Social Behaviors" (2004). Department of Psychology by an authorized administrator of DigitalCommons@University of Nebraska - Lincoln.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). *Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: será significativa a relação com os pais?* INFAD Revista de Psicologia/ International Journal of Developmental and Educational Psychology, 1(3), 461-468.
- Matias, M. (2012). *A Avaliação da Empatia na Adolescência: estudos de validação da versão portuguesa da "Basic Empathy Scale"*. Coimbra: Dissertação de Mestrado.



- Motta D, Falcone, E., Clark, C., & Manhães, A. (2006). *Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. Psicologia em Estudo, 11*, 523-532.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário de Vinculação na Adolescência (I.P.P.A.). In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. Almeida, *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 37-48). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Susana Anastácio (2013). Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na Adolescência
Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Universidade de Coimbra
- Youniss, J., 1985. Parents and peers in social development: A Sullivan–Piaget perspective. University of Chicago Press, Chicago.



International Journal of Developmental and Educational Psychology
Psicología del desarrollo

INFAD, año XXVI
Número 1 (2014 Volumen 1)

© INFAD y sus autores
ISSN 0214-9877